

Para desencarcerar o coração de um país

*Poemas para exumar a história viva:
um espectro ronda o Brasil,
de Alberto Pucheu (org.)*

Marcos Estevão Gomes Pasche*

Poeta de numerosa e reconhecida bibliografia, Alberto Pucheu constrói sólida jornada como professor universitário, recentemente culminada com sua progressão ao nível de professor titular do Departamento de Ciência da Literatura da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde leciona há duas décadas. Desta atuação docente decorre sua produção como pesquisador, verificada, em primeiro lugar, em seus também numerosos ensaios, que marcam um ponto novo na história da crítica brasileira.

Em segundo lugar, as pesquisas de Alberto Pucheu se realizam mais propriamente como investigação, na medida em que revelam poemas e poetas que, com substantiva existência literária e social, por muito tempo pareceram inexistir pública e criticamente. Daí surgem – não apenas, mas com destaque – dois livros por ele organizados que prestam inestimável contribuição aos estudos de poesia. Um é o notável *Não pararei de gritar* (2020), reunindo a obra poética de Carlos de Assumpção, que por décadas

* Professor de Literatura Brasileira da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e crítico literário.

e na mais desenvolvida unidade da federação escrevia e recitava seus poemas em quase anonimato e agora encontra espaço definitivo na pauta do debate poético.

O outro livro, de que se ocupa esta resenha, é o impressionante *Poemas para exumar a história viva: um espectro ronda o Brasil* (2021), verdadeira assembleia “de poetas que foram presos políticos durante a Ditadura, com muitos sendo torturados pelos algozes militares e delegados ou por eles assassinados” (p. 10), informa a “Apresentação”. Prosseguindo o introito, o organizador refere um poema de José Paulo Paes que estimula a luta armada contra a exploração capitalista. A referência sintetiza uma distinção fundamental em relação ao grupo reunido na antologia (que Paes não integra), pois como os e as poetas arrolados praticaram a rebeldia que escreveram, participando concretamente de ações guerrilheiras, Alberto Pucheu vê deles e delas “um salto” com que a linguagem entra “de fato em atrito com o real”, “tornando a relação entre poesia, política e vida evidentemente mais complexa” (p. 13).

Pode-se tomar algo dessa percepção para se falar do alcance social dos dois volumes citados. Se as pesquisas acadêmicas em geral e as da área de Literatura em particular se fazem com vistas ao incremento de novos dados ao conhecimento científico e à sua divulgação pública, tais pesquisas cumprem uma função inequivocamente política. Mas, na medida em que *Não pararei de gritar* coloca em relevo a trajetória poética de um cidadão negro habitante de um país racista, e *Poemas para exumar a história viva* escava de porões físicos e metafóricos textos sobreviventes do massacre ditatorial num país em que o fanatismo autoritário segue vociferante, a pesquisa acadêmica aí torna a relação entre estudos literários,

política e vida evidentemente mais complexa, porque assim sua intervenção extrapola o circuito habitual da discussão específica para reverberar, incontornavelmente, no debate público.

E a relevância investigativa e política de *Poemas para exumar a história viva* aumenta na medida em que da reunião de vinte e cinco nomes (dentre os quais há cinco mulheres), todos do século XX e alguns ainda em atividade, a maioria é desconhecida mesmo por leitores especializados. Ao lado de autores muito lembrados pelo encontro de literatura e militância, como Ferreira Gullar, Thiago de Mello e Moacyr Félix, e de um guerrilheiro lendário como Carlos Marighella, também poeta, entrincheiram-se outros que soam inéditos e inauditos, o que surpreende o organizador:

Em todo caso, impressiona-me como grande parte de tais poetas e poemas foi e segue sendo recalçada inclusive pela história recente da crítica de poesia, fato que precisa ser pensado em toda sua complexidade, já que, com esse apagamento, ao não transmitir a herança em jogo, o próprio meio que lida com poesia, mesmo sem querer, acaba por fazer o jogo da subserviência inaceitável àqueles que quiseram silenciar tais poetas, outras pessoas que não escreveram e outras, ainda, que foram mortas (p. 9).

Uma consideração razoável de possíveis explicações extrapolaria esta resenha, mas é oportuno cogitar ao menos duas hipóteses. A primeira é uma consequência direta da hediondez ditatorial, que perseguiu, torturou e matou artistas daquele con-

texto, em parte presentes no livro. Como o assassinato se dá pelo disparo súbito de fuzis mas também pela instilação do terror, é bem provável que muitas dessas vítimas tenham sofrido uma espécie de castração de seus trabalhos – no que tange à escrita propriamente e às iniciativas em prol da circulação social de seus escritos. Em segundo lugar, cabe refletir se, entre o século XX e hoje, o predomínio de uma determinada cultura poética, que valoriza a experimentação formal em detrimento da comunicação, reverbera no fato de o grupo da antologia ser “para a história da poesia, predominantemente invisível” (p. 15). Afinal, o que genericamente se chama de *poesia participante* prima pela linguagem direta, por vezes recorrendo ao explícito panfleto. Como o campo literário não é imune a preconceitos, talvez se tenha formado uma associação direta entre poesia política e poema panfletário, pelo que poetas e poetisas podem ter sido ignorados pela precedência do estigma à observação.

Se assim foi, a leitura da antologia revelará o engano da generalização, dada a diversidade expressiva dos textos, que passam, sim, pelo panfletário (caso do ilustrativo “A prece dos escravos”, de Marighella). No entanto, o conjunto, coeso no perfil autoral e na pauta textual, é polifônico. A variedade de dicções é consequência de estilos individuais, mas também se dá por certas nuances do contexto ditatorial brasileiro. Uma vez que nos poemas reunidos prepondera a escrita como resposta imediata ao cenário estabelecido, as mudanças no panorama ocasionam mudanças nas respostas. Por ser datado de 11/06/1964, “30 de março”, de Wilma Ary, é uma referência direta à antevéspera do golpe de então, e no poema se nota um tom fortemente imagético, do primeiro (“Tarde cai no meu dia de ser”, p. 26) ao úl-

timo verso: “A noite é como um desfile de blindados” (p. 28). Com o passar dos anos e com o agravamento daquele regime, adensaram-se as estratégias de combate, aí incluída a escrita poética, arrojada numa teoria da poesia guerrilheira de Luiz Eurico Tejera Lisbôa, emblematicamente chamada “Tempo de decisões”: “A palavra deve ser uma arma/ sem requintes inúteis/ de funções evidentes/ claramente parcial/ e partidária/ para ser contundente/ e ser na História” (p. 38).

Poemas para exumar a história viva se elabora frontalmente como livro *contragolpista*, algo aprofundado pela qualidade editorial do livro, cuja iconografia escancara, em rostos e documentos, algo do que o Brasil oficial produziu de mais cínico e mais cruel. São cortantes as imagens que registram o assassinato do poeta citado anteriormente, bem como a ocultação de seu cadáver e a versão mentirosa dos fatos apresentada pelas autoridades de então, que com a sistematização de tal procedimento perpetuavam assassinatos e desdobravam-nos sobre as famílias das vítimas. A exumação da história viva pede portanto uma leitura com força, porque o livro dá a ver, em palavra e imagem, a barbaridade metodológica da governança ditatorial do país. Escritos com formas diferentes, os poemas que denunciam crimes ditatoriais alcançam uma concretude cortante. Cito dois exemplos: o misto de narração e sugestão de cenas de tortura, em “Celas-6”, de Lara de Lemos – “A hora dos/ capuzes negros/ é a hora mais negra/ dos prisioneiros.// Descer às cegas/ pelas escadas/ apalpando paredes/ adivinhando fissuras// pisando superfícies/ escorregadias/ de sangue/ e urina.// Às cegas.” (p. 94) –; e a descrição da funcionalidade torturadora a partir da listagem

de seus componentes elementares, nas letras gritantes de Paulo César Fonteles de Lima:

Choque

UM MAGNETO

UM DÍNAMO

DOIS FIOS.

ELETRICIDADE

NA LÍNGUA

NO PÊNIS

NO ÂNUS

NA CABEÇA.

ALUCINADO

O CORPO TREPIDA

NO PAU DE ARARA

ESCARRANDO SANGUE.

O SARGENTO,

AQUELE QUE GIRA O DÍNAMO

RI.

(p. 109)

Numa coletânea composta por escritas tão combativas, predominam a negação e a contundência. Mas, conforme dito, este é um livro de diversidade expressiva, o que não contraria sua unidade. Se por um lado o encontro do poético e do político

suscita o pavor e chama à batalha, por outro manifesta ternura e canta o que eleva, porque a revolução nasce com amor e com desejos de paz: “Mãe, meu amor por ti é tanto/ que sem ti me vem o pranto/ sem que eu peça pra vir,/ é que saí do teu ventre/ e, se hoje me fiz gente,/ só posso dever a ti” (p. 49), diz a “Carta do Araguaia”, de Maria Celeste Vidal.

Como a história a ser exumada é uma história viva (o título da antologia é inspirado em “A um cadáver”, de Stênio Garcia), ela ainda lateja como ameaça – “Nós sobrevivemos/ ao pau-de-arara.// Mas o pau-de-arara/ também sobreviveu” (p. 138), constata Alípio Freire em “Da tragédia”. Ao aproximar os anos de 2021, 2018, 2016, 1968 e 1964, Alberto Pucheu sublinha momentos em que a democracia nacional foi atacada por golpes de formatos diferentes mas de objetivo comum – sufocar avanços concretos na direção do progresso coletivo e da justiça social. O efeito disso é que, no dizer de Pedro Tierra, o poeta-testemunha presente na abertura e no fecho da antologia, “Encarcerado bate no peito/ o coração de um país” (“O que somos nós senão bandeiras?”, p. 156). Em tais momentos se mostrou com menos disfarce o que o organizador define e repele como “o ilimitado do autoritarismo brasileiro” (p. 8), que no presente instante tem no bolsonarismo um miserável capítulo. Que agora, quando o Brasil tem nova chance de fortalecer seus alicerces civilizatórios, a abjeta carga de feitos e símbolos do fantasma autoritário seja encarada, confrontada e definitivamente sepultada.

Referência

PUCHEU, Alberto (org). *Poemas para exumar a história viva: um espectro ronda o Brasil*. São Paulo: Bregantini, 2021.

Submetida em 24 de novembro de 2022.

Aceita em 24 de novembro de 2022.